

“Bicha a senhora é destruidora mesmo”: um pouco de raiva, desesperança e sujeira pra contaminar as suas mentes

“Bicha a senhora é destruidora mesmo”: A little bit of anger, hopelessness, and dirt to contaminate your minds.

“Bicha a senhora é destruidora mesmo”: Un poco de ira, desesperanza y suciedad para contaminar sus mentes.

Julia Bueno¹

Pietro Benedito²

Resumo: Ligando as ideias de Sofia Favero, Audre Lorde, Paulo Freire e Octavia Butler, queremos sujar, desesperançar, enraivecer e moldar a o mundo a nossa volta, transformá-lo. Neste ensaio, relacionamos essas obras com nossas experiências com a transfobia, para assim provocar nossos leitores a pensar estratégias de fuga do higienismo das violências coloniais.

Palavras-chave Transfobia; sujeira; raiva; desesperançar; mudança

Abstract: Connecting the ideas of Sofia Favero, Audre Lorde, Paulo Freire, and Octavia Butler, we aim make filth, to make hopelessness, to enrage, and shape change in the world around us, transforming it. In this essay, we relate these works to our experiences with transphobia, to provoke our readers to think about strategies to escape the sanitization of colonial violences.

Keywords Transphobia; filth; anger; hopelessness; change

Resumen: Conectando las ideas de Sofia Favero, Audre Lorde, Paulo Freire y Octavia Butler, nuestro objetivo es ensuciar, desesperanzar, enfurecer y moldear el cambio en el mundo que nos rodea, transformándolo. En este ensayo, relacionamos estas obras con nuestras experiencias con la transfobia, para provocar a nuestros lectores a pensar en estrategias para escapar de la sanitización de las violencias coloniales.

Palabras clave Transfobia; suciedad; ira; desesperanza; cambio

¹ Graduada psicologia pela Faculdade de Guarulhos-SP (2013), especialista em psicologia política pela USP (2016), mesTrava em psicologia UFPE (2024) e doutoranda em psicologia pela Ufpe, pesquisadora no GEMA (Grupo de estudos de gênero e masculinidades). Também é redutora de danos, psicóloga clínica e poeta. E-mail julia.p.bueno29@gmail.com

² Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (2019), foi membro da equipe do projeto “Encontros de Cura” sediado no CNRS, Paris (2023). Atualmente é professor substituto no INCIS da Universidade Federal de Uberlândia (2024) e também atua como redutor de danos. Email: pietro.benedito89@gmail.com

Introdução

Somos uma autora travesti e um autor transmasculino que se sentem sufocados em um mundo onde a misoginia e a transfobia atravessam nossos corpos, onde o silenciamento das nossas vozes e a diminuição do valor dos nossos trabalhos constantemente produzem raiva em nós. Um mundo que ameaça nossas existências através do abandono, do assassinato e do suicídio, violências que nos movem a gritar. Porém, quando gritamos, somos culpabilizadas, criminalizadas e re-violentadas. Quando sentimos raiva e fazemos um barraco, somos contidas por uma força oposta imensa e desproporcional. Nossa raiva é vista com um potencial destrutivo, porém nossa raiva grita por reparação dos efeitos do ódio que quer nos exterminar. Grita por mudança. Neste ensaio, queremos pensar a experiência com a transfobia e a raiva através da psicologia suja de Sofia Favero (2022), os usos criativos da raiva por Audre Lorde (2018), a proposta de desesperançar através do diálogo com Paulo Freire (2021) e a possibilidade de moldarmos o futuro, a partir de Octavia Butler (2021a; 2021b).

Jaqueline Gomes de Jesus (2013) define a transfobia como a estigmatização, a marginalização e a perseguição da população trans. Como ela aponta, a transfobia leva à negação de direitos básicos, como o uso do nome social ou a dificuldade para a retificação de documentos legais, ao impedimento de acesso à educação, a empregos qualificados e até mesmo a banheiros públicos. A transfobia também torna pessoas trans sujeitas a diversas formas de violência que, no limite, se efetivam no assassinato e no suicídio de pessoas trans (BENEVIDES, 2024; PFEIL, 2022).

Na chave da transfobia, em “Manifestações textuais (insubmissas) travesti”, Sara York, Megg Rayara de Oliveira e Bruna Benevides (2020) elencam barreiras enfrentadas por travestis no espaço de disputa intelectual. Entre as barreiras estão o trans-epistemicídio, ou seja, o aniquilamento de epistemologias e saberes trans; a demarcação daquelas que denunciam as violências que sofrem como vitimizadas; o ato de colocar as pessoas trans como super-humanas (divas, deusas) ou sub-humanas (demônias, difíceis), mas jamais enquanto pessoas comuns, com potências e falhas; a precarização e subalternização das vidas trans e travestis, exemplificada quando, apesar do destaque no mundo público a pessoa vive em situação de vulnerabilidade; o abandono de si mesmas, que é quando a transfobia e o abandono social geram o abandono de si, de sonhos, de carreira; as denúncias que não funcionam; e, por fim, as denúncias que revitimizam.

Na raiz da transfobia, dessas violências e cislenciamentos³, está a cisnorma. Viviane Vergueiro (2016) define a cisnorma como a imposição social de que todos os indivíduos devem se identificar e viver de acordo com o sexo designado ao nascimento, ignorando ou marginalizando identidades trans e outras dissidências de gênero. Essa norma é um dos pilares da cisheteronormatividade, que estrutura a sociedade a partir de expectativas rígidas sobre gênero e sexualidade, invisibilizando e excluindo pessoas trans e não conformes.

A cisnorma, forçada e reforçada violentamente por instituições religiosas, biomédicas, jurídicas e acadêmicas, é uma tecnologia colonial que coloca pessoas trans às margens da existência, da nação, da limpeza civilizatória. Quando a educadora transfeminista Letícia Carolina Nascimento (2021) fala do conceito de cisgeneridade, ela identifica os corpos cisgêneros como tão datados e tão artificiais quanto as corpos trans. Em outras palavras, ela desloca as corpos trans do local exotizado de “outro”, de “diferente” e de “novo”, marcando que a cisgeneridade e a ideia de uma naturalidade do gênero baseada nos genitais e na performance e no desejo cisheteronormativo, são também uma construção histórica. Essa marcação é urgente para se questionar uma naturalidade universal da cisgeneridade, e para visibilizar as violências da cisnorma. Afinal, como diz a artista plástica Jota Mombaça (2021, p. 17): “A não marcação é o que garante às posições privilegiadas (normativas) seu princípio de não questionamento, isto é: seu conforto ontológico, sua habilidade de perceber a si como norma e ao mundo como espelho.”

O Uso do Pajubá e a Expressão "Bicha, a Senhora é Destruidora Mesmo"

A linguagem desempenha um papel crucial na formação de identidades e na construção de resistências culturais e sociais, particularmente para comunidades historicamente marginalizadas. No contexto das travestis no Brasil, o Pajubá, uma linguagem codificada e usada pela comunidade LGBTQIA+, especialmente pelas travestis, é um exemplo de como a resistência linguística pode funcionar como ferramenta de justiça epistêmica. Combinado com as teorias do giro decolonial, que buscam desafiar estruturas coloniais de poder e conhecimento (BALLESTRIN, 2013), o Pajubá se revela como um meio essencial para subverter a normatividade imposta pela colonialidade. Este artigo justifica o uso da expressão “Bicha, a senhora é destruidora mesmo” como um símbolo dessa ressignificação e resistência, dentro do

³ *Jogo de palavras unindo “cis”, de cisgêneridade ou cisnorma, e “silenciamento”.*

escopo do giro decolonial⁴.

O giro decolonial, conforme teorizado por autores como Luciana Ballestrin (2013), propõe a desconstrução das estruturas de poder estabelecidas pelo colonialismo e perpetuadas pela colonialidade. A proposta é revalorizar saberes marginalizados, rompendo com a hegemonia eurocêntrica que define o que é considerado conhecimento legítimo. Nesse contexto, as epistemologias do Sul se apresentam como contraponto, revelando que as formas de saber e ser de grupos subalternizados, como as pessoas LGBTQIA+ e as travestis, não são apenas válidas, mas também fundamentais para uma compreensão ampliada das dinâmicas de poder e resistência.

O Pajubá, por sua vez, funciona como uma manifestação concreta dessas epistemologias marginalizadas. Com raízes nas línguas africanas e elementos de resistência à ciscolonialidade (VERGUEIRO, 2016), o Pajubá não é apenas um código de comunicação entre corpos dissidentes, mas também uma estratégia de sobrevivência e resiliência. Dodi Leal (2024) defende o Pajubá como um patrimônio imaterial, apontando para sua importância como uma ferramenta de preservação da memória coletiva e fortalecimento das identidades subalternizadas.

É nesse contexto que a expressão "Bicha, a senhora é destruidora mesmo" pode ser compreendida. Trata-se de uma frase que, à primeira vista, poderia ser interpretada apenas como parte de uma gíria popular ou um meme. No entanto, quando analisada sob a luz do giro decolonial e da resignificação proporcionada pelo Pajubá, a expressão adquire uma nova dimensão. Segundo Gonçalves Jr., Oliveira e Benevides (2020), a linguagem travesti é caracterizada por "reapropriação dos termos" e "antropofagia criativa". A expressão "bicha" foi historicamente utilizada de forma pejorativa para descrever pessoas LGBTQIA+, mas foi resignificada como um símbolo de poder e orgulho dentro da própria comunidade.

Assim, "Bicha, a senhora é destruidora mesmo" reflete um processo de empoderamento que subverte a cisheteronormatividade e transforma a linguagem em uma ferramenta de resistência. A palavra "destruidora", nesse contexto, remete à capacidade de romper com as expectativas impostas pela colonialidade de gênero, celebrando a força, a criatividade e a resiliência das pessoas LGBTQIA+.

O giro decolonial e o Pajubá, então, justificam a expressão como uma forma de "guerra de denominação" (NEGO BISPO, 2023), uma estratégia para enfraquecer os sentidos coloniais

⁴ Eomo essa expressão ficou famosa pela fala de Sangalo no programa "Glitter: em busca de um sonho", exibido pela TV Diário em 2014, escolhemos deixar a frase em seu original, no português, nos resumos deste ensaio em inglês e em espanhol.

das palavras e dar-lhes novos significados dentro da resistência cultural e política. A ressignificação do termo "bicha" exemplifica como as comunidades subalternizadas recriam suas identidades e desafiam as estruturas opressivas.

Portanto, o uso da expressão "Bicha, a senhora é destruidora mesmo" no artigo não apenas ilustra a riqueza e complexidade da linguagem no contexto LGBTQIA+, mas também se alinha com as propostas de justiça epistêmica do giro decolonial. Ao resgatar e valorizar o Pajubá, reafirma-se a importância de incorporar essas vozes no campo acadêmico, reconhecendo sua contribuição essencial para a construção de saberes plurais e contra-hegemônicos.

Vamos nos sujar?

Para pensar um pouco na ética com a qual queremos olhar a revolta, começamos pela psicologia suja proposta pela psicóloga e pesquisadora travesti Sofia Favero (2022). A psicologia suja não é uma alternativa à psicologia, mas uma arte de guerra. Ela é uma estratégia de saqueamento e sobrevivência. Com esses princípios que escrevemos aqui, queremos construir uma arte de guerra, na cama com a literatura, assim como Sofia Favero (2022) pretende com sua Psicologia Suja. A psicologia suja é um protesto, um grito pela nossa sobrevivência, queremos questionar as "causas nobres" que constantemente nos silenciam. Nos geram abandono, violências e ainda querem abafar a nossa raiva, querem criar literaturas e formas de pensar onde a nossa raiva é uma ameaça à civilidade, uma ameaça à racionalidade. Um mundo filosófico que olha os sentimentos sujos como para quem olha o esgoto e o lixo que produz. Sabe aquela cara de nojo para quando o lixo tá fedendo? É assim que olham para nossa revolta.

É exatamente esse o nojo que queremos capturar com uma visão suja. Sofia Favero (2022) ainda nos provoca em seu livro dizendo que a psicologia suja é o significante que ela encontrou para digerir o nojo a que foi exposta desde criança. Com a psicologia suja, propomos aqui uma aventura híbrida, como a própria autora demarca, um caminhar de mãos dadas com o humano e com o que há de mais abjeto nele.

Você aqui deve estar se perguntando, mas que sujeira é essa? E na real não é nossa intenção e muito menos a de Sofia definir o que é a sujeira em si, afinal estamos olhando para tudo o que é gerado em oposição ao que a sociedade capitalista e colonial chama de normal ou limpo. Não queremos determinar o que é a sujeira, mas queremos olhar para o que a limpeza gera. Limpar, higienizar enquanto uma perspectiva política, implica em olhar para aquilo que é

controlável e possível de se medir, mas queremos aqui olhar para o avesso disso. Normatizar e medir produz sujeira, higienizar e limpar, produz sujeira, as “causas nobres e as boas intenções” também estão cheias de sujeira e aqui não queremos dizer de fato o que é sujeira, apenas queremos, assim como Sofia Favero (2022), sujar nossas imaginações. Sujar nossas compreensões de mundo, queremos que nos sentemos juntas nesse lixão, produto da sociedade em que vivemos, e analisemos essas sujeiras com a gente. Sem querer limpar nada, vamos lidar com a sujeira, da forma que ela é. Sofia (2024) nos diz que abrir espaço para o sujo é fechar espaço para o nefasto. Talvez você também faça parte desse lixão ou por aqui se encontra há tempos, também quero pensar aqui como normalidade social, a natureza se impõe a nós, produzindo diferença, miséria e segregação.

Sofia Favero (2023) nos diz que só mesmo a pulsão de morte nos faz pensar sobre a vida. As pessoas evitam a pulsão de morte como se ela fosse nossa condição de aniquilação. Entretanto vamos pensar sobre como somente o contato com a morte é capaz de nos fazer pensar e refletir sobre a vida. Essa fala da Sofia traz a mim, Julia Bueno a memória de uma paciente no consultório. Ela, minha cliente, uma travesti, me disse que foi a uma reunião com algumas feministas (cisgêneras) na Universidade Pública que estudava, e que achou a reunião estranha, isso mesmo ela usou a palavra es-tra-nha. Ela dizia que faltava pulsão de morte naquela reunião. Essa fala me intrigou e me fez compreender que eu também me sinto constantemente estranha, ou talvez suja, em espaços feministas cisgêneros não racializados, porque também acho que falta pulsão de morte, falta desesperança. Sinto como se somente eu estivesse desesperada pela vida.

Quase ninguém se levanta quando uma travesti é ofendida ou subalternizada, muito pelo contrário, é quase como um fetiche o desejo enorme e a satisfação que muitas feministas têm ao ver uma travesti que, mesmo em situações desumanas, é capaz de manter sua dignidade e a cabeça erguida. Elas aplaudem e não conseguem se conectar com a morte, só a ignoram querendo limpar e tornar a vida das travestis mais apresentáveis, mais higiênicas. Nos querem no topo, sem olhar para todo processo, que ignora a sujeira em nós, do que significa subir ao topo. Não queremos o topo, como Sofia Favero (2024) também nos provoca, o que queremos é destruir o topo, que a produção de hierarquia e diferenciação não seja nosso objetivo. Queremos ver o topo queimando com todo poder que ele produz. Gênero é um campo de batalha e não uma arma de guerra.

A sujeira está inscrita em nós, pessoas trans. Sofia diz que é nesse sentido que se sujar passa a ser agenciamento. Queremos sujar suas compreensões sobre o mundo, jogar a sujeira

que está em nós na visão de mundo de vocês. Sofia nos convida para construir uma lente que seja uma lente opaca, ao contrário de transparente. Ela não quer tornar a nossa visão mais limpa, clara, visível, muito pelo contrário, a psicologia suja é uma lente opaca que nos dificulta olhar, porque primeiro vemos a sujeira.

Numa ponte com Audre Lorde (2018), poderíamos dizer que a sujeira é raiva, mas a limpeza é ódio, extermínio. Como isso pode nos ajudar com uma visão ética sobre como escutamos a raiva? Nossa intenção é dialogar com a sujeira, queremos perguntar algo à sujeira. Queremos que notem a limpeza dos nossos pensamentos, que se apressa em colonizar respostas, queremos olhar como os processos de limpeza e higienização nos atrapalham e nos condicionam a um mundo muito *clean*, limpo. Nossa limpeza mora no acúmulo de esgoto nos rios e afluentes, nossa produção de lixo plástico contamina os oceanos, mares, praias e organismos mais inocentes desse planeta, nosso ato de limpar joga para debaixo do tapete a sujeira, faz com que um dia ela volte para se vingar.

Violências coloniais e usos criativos da raiva

Os conceitos de limpeza e de sujeira se relacionam ao capitalismo colonial, como bem aponta Ailton Krenak (2022), ao falar sobre como as cidades e o conceito de modernização se sustentam no conceito de higiene. A limpeza é a exploração de territórios e de povos. É a dominação que produz a diferença entre o limpo e o sujo. O Brasil é um país de raízes coloniais e escravocratas, cuja elite branca enriqueceu através da exploração de minérios e de pessoas, do solo pela monocultura e a criação extensiva, gerando rastros de sujeira e lama tóxica que invade casas e rios, como em Brumadinho, em Mariana e no Rio Doce.

Não à toa, a retórica do ódio da extrema direita do país ainda hoje olha para territórios quilombolas e indígenas como “desperdício” de recursos naturais ou de “terras produtivas”⁵. Ou, como diz Ailton Krenak “essa gente que está empestecendo o planeta só percebe os rios como potencial energético (...) ou como volume de água a ser usado na agricultura” (2022 p.12). E ainda vemos o campo progreCISta de esquerda, ainda majoritariamente ocupado por pessoas brancas, de classe média e cisgêneras, dando continuidade aos pactos raciais e de gênero, defendendo o espectro de uma (irreal) classe trabalhadora universal, composta por pessoas igualmente oprimidas no capitalismo, ou por agendas reformistas que olham a demanda por vida digna por pessoas trans como um risco para o sucesso da esquerda no país.

⁵ <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-celebra-que-governo-nao-demarcou-nenhuma-terra-indigena/>

No capitalismo colonial, a cisgeneridade, a heterossexualidade e o corpo branco se impõem como universais. E, “[s]e o colonialismo nos causou um dano quase irreparável foi o de afirmar que somos todos iguais” (Ailton KRENAK, 2022, p. 22). Somos uma autora e um autor trans que sofrem dos efeitos da cishnorma e da transfobia mas, ainda assim, enquanto pessoas brancas, possuímos alguns acessos garantidos pela branquitude. Corpos trans brancos e negros são diferentemente afetados pelas violências coloniais. Destacamos isso, para apresentar como muitas das referências que citamos neste ensaio são de autoras e autores negros que apontam cirurgicamente as brutalidades do capitalismo colonial, a partir das experiências de quem vive as especificidades do racismo em sua intersecção com outras opressões.

Para se falar da raiva, Audre Lorde (2018) é uma referência incontornável. Logo no início de “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo” Lorde diz:

[m]ulheres que reagem ao racismo são mulheres que reagem à raiva; a raiva da exclusão, do privilégio que não é questionado, das distorções raciais, do silêncio, dos maus-tratos, dos estereótipos, da postura defensiva, do mau julgamento, da traição e da cooptação.” (LORDE, 2018, p. 155),

Neste texto, Audre fala da raiva trazendo exemplos de experiências violentas e racistas que viveu na academia, mais especificamente em eventos organizados por acadêmicas feministas brancas⁶. No decorrer do texto, Lorde nos explica a diferença entre o ódio e a raiva, descrevendo o ódio como aquilo que movimenta os processos de extermínio e a raiva como o sentimento que nasce nas pessoas que são alvo deste ódio. Destacando a importância de expressar a raiva, ela apresenta como esse sentimento tem a possibilidade criativa de demandar e de construir outros mundos.

Mas para a possibilidade de transformação (e de diálogo), Audre Lorde afirma que pessoas brancas devem se desarmar tanto do medo da expressão dessa raiva, como da culpa imobilizante. Inclusive, ela fala sobre como a raiva das mulheres negras são tantas vezes vistas como mais ameaçadoras e agressivas, do que os próprios atos racistas que geraram essa raiva. Sobre isso, destacamos a citação a seguir:

Minha raiva é uma reação às atitudes racistas, assim como aos atos e pressupostos que surgem delas. Se sua relação com outras mulheres reflete essas atitudes, então minha raiva e o seu medo dela são refletores dos quais podemos nos valer para o crescimento, da mesma maneira que tenho me

⁶ Historicamente, os espaços feministas brancos (e podemos dizer também cisgêneros) se posicionaram na guiança de uma luta universal por “todas as mulheres”, ao mesmo tempo que fomentavam o silenciamento das pautas e das experiências específicas de mulheres negras (DAVIS, 2022)

valido do aprendizado de expressar minha raiva para crescer. Mas como uma cirurgia para corrigir problemas de visão, não para sanar a culpa. A culpa e a postura defensiva são tijolos em uma parede contra a qual todas nos chocamos; elas não servem aos nossos futuros. (Lorde, p. 155-156, 2018)

Nós, que autoramos este ensaio, nos conhecemos pessoalmente trabalhando na Redução de Danos⁷ em uma grande rave no sul da Bahia, em 2023. Neste contexto, vivenciamos uma série de violências transfóbicas no contexto da rave, e não tivemos apoio da equipe organizadora da ação de redução de danos no festival, muito menos da produtora do evento. Ao mesmo tempo em que vivíamos as violências, tínhamos que provar por que o que vivíamos eram violências indesculpáveis, para um júri cisgênero. E ainda estávamos sem acesso à alimentação e água, que haviam sido pactuadas em nosso contrato de trabalho naquele festival, mas nosso trabalho deveria ser entregue. Muita raiva nos acompanhou naqueles dias - e muitas barreiras foram erguidas pelo júri cisgênero sobre sermos difíceis, raivosos, com muitos problemas e poucas soluções e energias elevadas... Mas como não enraivecer naquele contexto? Como não subir o tom de voz se o CISlenciamento nos abafava?

A possibilidade de criação de outros ambientes de trabalho, de ação, até mesmo de mundo, com condições dignas de existência para todes, depende da escuta da raiva, e o reconhecimento de que essa raiva é gerada pelo ódio, pela violência do extermínio, da higienização, da limpeza, da transfobia. A raiva, como “uma cirurgia para corrigir problemas de visão”, tal qual proposta por Audre Lorde, pode ter suas potências pelas lentes opacas da psicologia suja de Sofia Favero. Mas ela precisa da desesperança sobre a continuidade deste mundo higienizado e higienizador em que vivemos, e da vontade de mudança, de moldar o futuro.

Desesperançar

Seguindo as intenções sujas e movidas pela raiva que propomos nesse texto, podemos pensar uma reflexão crítica e politizada sobre a desesperança. O que será que negamos ou que perpetuamos, quando olhamos para um horizonte possível e belo, em um mundo impossível e feio?

Antes disso, queremos nos permitir dialogar, de mãos dadas, com Paulo Freire. Talvez se ele estivesse aqui, nos dias de hoje, iria entender que no nosso momento histórico e cultural

⁷ Numa descrição simplificada, a redução de danos é uma abordagem de saúde pública que busca minimizar os impactos negativos do uso de substâncias psicoativas, promovendo práticas seguras sem exigir abstinência. Uma característica importante da redução de danos, é que ela é uma prática de cuidado entre pares.

a esperança se encontra na suavização de pontos fundamentais que nos mostram que o mundo como está, ruirá. Se não por nossas guerras culturais e religiosas, por nossa ganância capitalista que extrai do mundo tudo o que pode sem nada devolver.

Na *Pedagogia da Esperança* (2021), Paulo Freire traça uma proposta ética e também crítica sobre a esperança como uma metodologia pedagógica. Embora isso, quando dito em voz alta, soe tanto quanto liberal demais, Paulo Freire, em oposição à ideias liberais, posiciona o esperar não como um sentimento apenas, uma ilusão baseada em esperança cega, mas sim como uma forma de olhar a realidade e entender quais ações práticas devemos produzir no mundo para que a esperança seja um horizonte possível. Não adianta ter esperanças na transformação social e ficar sozinho, no sofá, esperando a transformação chegar na sua rede social. O horizonte do esperar é ação prática no mundo. Paulo Freire, como um pensador na redemocratização do país, ao olhar para a ditadura, entendia muito bem o poder da organização política para barrar o crescimento e a dominação fascista, inclusive é por isso que sua pedagogia é reverenciada no mundo todo.

Nossa tarefa aqui é sujar, também, a esperança. Ilustramos isso a partir de algo que é cotidiano na vida das pessoas trans no Brasil. Muitas vezes, na adolescência, sonhamos em estudar, ter profissão e poder crescer e viver em sociedade. Entretanto as estatísticas mostram que existe uma evasão escolar imensa, que expulsa as travestis e outras identidades trans, ainda na adolescência, das escolas. Isso vira uma bola de neve, que faz com que tenhamos poucas oportunidades de trabalho, baixa inserção no mercado de trabalho e uma expectativa de mortalidade em torno de 35 anos (Benevides, 2023). Tudo isso agravado pelo racismo, afinal 77% das pessoas trans assassinadas no Brasil são travestis e mulheres trans negras. O que essa realidade te faz sentir? Muitas vezes quando pensamos em empregabilidade, caímos na realidade da evasão escolar e isso vira uma bola de neve, onde se torna desesperador lidar com uma realidade tão dura. Podemos também ouvir e prestar atenção em um sentimento sujo, como a desesperança e aprender algo com ela.

Paulo Freire, em seus estudos, também fala da desesperança, isso não passou despercebido de suas reflexões. O pedagogo compara a desesperança com a depressão, e diz que diante da sua própria realidade, a desesperança o paralisava. Ele conta até que era muito difícil se sentir esperançoso com a miséria assolando sua família. Freire mesmo conta que sentir esperança era algo difícil, mas que quando sentia, era como uma fonte de energia que o tirava da inércia e o colocava em movimento.

Assim queremos dialogar com algo que Paulo Freire deixou registrado na Pedagogia da Esperança. O momento narrado é quando sua mãe, ao encontrar dificuldades para conseguir uma escola para ele estudar, foi invadida por um desespero que a fez, em 1937, entrar em uma escola e logo pedir para falar diretamente com o diretor. Em uma explícita atitude de desespero, quebrou as hierarquias e assim recebeu o "sim" do diretor, possibilitando que seu filho entrasse na escola. O seu desespero naquele momento a fez pular etapas e conseguir seu objetivo.

Gostaríamos de provocar quem nos lê a pensar em algo que fez a existência de muitas pessoas trans e travestis serem possíveis: o desespero. Quero te provocar a pensar na pedagogia da desesperança. Essa pedagogia da desesperança faz com que, na base do surto, da raiva e da destruição do presente, a gente arranje uma forma de fazer um futuro nascer na força da raiva.

O desespero de muitas travestis e pessoas trans, é visto de forma pejorativa, quem gosta de desespero? De barraco? Mas você já viu alguém respeitar uma pessoa trans senão na base do grito? Da lei? Na base da ciência? Na base da comprovação material que às vezes se materializa pela expressão da raiva? Pelo barraco? Pela gritaria? Somos obrigades a nos impor, pois do contrário merecemos o esquecimento e o abandono. Quando olhamos para raiva, pro barraco, pro desespero podemos entender quais mundos aqueles sentimentos desejam construir ou destruir. Até podemos não gostar, mas somos capazes de entender e muitas vezes a partir de então criar laços de identificação para que o desespero do outro possa me afetar e criar a sua rebelião no mundo.

Isso é um convite para que a gente não romantize a esperança sobre e para corpos que conhecem melhor o desespero. Devemos olhar o mundo também com a desesperança que ele merece, pois só assim seremos capazes de destruir aquilo que não nos deixa existir. O desespero das travestis no auge da epidemia da AIDS e da perseguição policial sobre essas corpos (BUENO, 2024), em uma época em que a necropolítica (MBEMBE, 2018) era a única alternativa, transformaram o mundo e as organizaram politicamente.

Uma desesperança para o capitalismo colonial, para suas violências. Olhar para o futuro e vislumbrar ideias para adiar o fim do mundo que não estejam querendo a manutenção do capitalismo colonial.

Enraivecides e desesperançades em direção a outros futuros

Lauren Olamina olhou de frente para as violências de higienização deste mundo, sentiu raiva, e buscou estratégias coletivas de fuga moldando o futuro.

Ela é a protagonista de “A Parábola do Semeador” (2021a) e de “A Parábola dos Talentos” (2021b), da renomada escritora de ficção científica Octavia Butler. Butler é mais uma referência negra trazida para este ensaio, e que nos ajuda a pensar o futuro reconhecendo as violências do passado e do presente, e assim dialogando com o que falamos sobre o sujar, sobre o enraivecer, sobre o desesperançar.

No livro publicado em 1993, *Olamina* começa sua história em 2024, no apocalipse climático. Com sua família, mora em um bairro fechado para um mundo volátil e repleto de violências, às quais reconhece também dentro dos muros de seu bairro, e sobre os quais ela se organiza vislumbrando o momento em que esse espaço seguro será invadido. Filha de um pastor, ainda adolescente dá aulas para as crianças do bairro, toma posições de liderança e, quando sozinha, escreve as parábolas de sua religião, na qual Deus é mudança e existe para ser moldado - o futuro serve para ser moldado -, e a humanidade um dia habitará as estrelas. Como uma Erika Hilton ou uma Linn da Quebrada da literatura, seu carisma e sua capacidade de falar em público e de liderar pessoas são excepcionais.

Em “Lauren Olamina e eu nos portões do fim do mundo”, Jota Mombaça (2021) fala dessa protagonista referenciando Fred Moten e Stefano Harney e a ideia dos *black studies*, ou estudos negros no português, como um estudo para a fuga: “É estudar para fugir, para habitar o desterro, a catástrofe e os outros mundos possíveis que se precipitam ao fim deste”. O mundo criado por Octavia Butler e habitado por Lauren Olamina é um mundo outro, mas com as violências deste em que habitamos. Ela compartilha de nossa habitação. São livros que, nas palavras da própria autora “olham para onde estamos agora [1993], o que estamos fazendo agora (...), para imaginar onde alguns de nossos comportamentos atuais e problemas negligenciados podem nos levar” (BUTLER, 2021a, p. 425). Sua visão foi tão potente que, em *A Parábola dos Talentos*, o presidente dos Estados Unidos se elegeu sob o slogan *Make America great again*, tal qual Donald Trump em 2016.

Olamina com certeza tem esperança, é a esperança que move ela, junto à fé na mudança. Porém é uma esperança mais parecida com a vontade original de Paulo Freire, também educador, do que da esperança vazia e violenta que criticamos a partir do desesperançar. Podemos dizer que é uma esperança desesperançada, pois não a romantiza sobre corpos que conhecem melhor o desespero, ela os escuta. Nos Estados Unidos de Lauren Olamina, a escravidão é uma realidade histórica cujos efeitos são sentidos pelas personagens. Misoginia e homofobia também são temas tratados nos livros, com efeitos sobre diferentes personagens. Finalizar seus livros nos dá o sentimento de uma alegria amarga. Um amargo que

talvez sintamos por conta dos ultraprocessados super açucarados de hollywood, que nos têm sido enfiados guela abaixo há décadas. Filmes nos quais resoluções finais e “satisfatórias” são apresentadas por heróis de Bruce Willis ou algum Hemsworth que resolvem todos os problemas do mundo - inclusive o apocalipse.

Mombaça descreve essa alegria amarga muito bem ao dizer que a aposta de Octavia Butler no futuro “não deve ser confundida com um otimismo, porque não resta dúvida de que as coisas pioraram, mas é justamente a partir dessa consciência trágica do colapso em curso que é possível elaborar as rotas e táticas para a fuga” (p. 80; 2020). Se nos filmes da Disney temos uma fórmula de conflito sempre resolvida em uma resposta única que nos leva ao “felizes para sempre”, n’As Parábolas de Octavia Butler temos uma fórmula de conflito que não se resolve por uma resposta única, mas nos convida a lembrar que respostas são coletivas, e respostas são múltiplas.

Para Butler e para Lauren Olamina podemos ser essa resposta ao moldar o mundo - mas se assim escolhemos. Então escolhemos não acatar uma esperança vazia, nem engolir a legítima raiva que sentimos como um sapo que fere nossas entranhas só para manter a cisgeneridade confortável em seu conceito de nobreza e limpeza. Escolhemos o desesperançar e a raiva contra as violências coloniais para moldar a mudança. Escolhemos sujar sua compreensão do mundo, enfiar o nariz de vocês no lixão produzido pela cisnorma, pelas violências coloniais. Por que, no final das contas, buscamos dignidade e direito à vida, ao prazer, ao envelhecimento. À moradia, ao trabalho, à construção de conhecimento e de cuidado. Dizer sim à água e talvez às drogas (parafrazeando Favero). A certeza da possibilidade de sentir o sol no rosto e no peito em paz, a qualquer momento. E isso só é possível olhando e atuando de frente contra a transfobia, o racismo, a misoginia, o classicismo, e demais violências.

Considerações finais

Construindo uma ponte entre Sofia Favero, Audre Lorde, Paulo Freire e Octavia Butler, queremos sujar, desesperançar, enraivecer e moldar a mudança. Nesse ensaio, tentamos entrelaçar essas obras com nossas experiências como pessoas trans, uma autora travesti e um autor transmasculino enfrentando cotidianamente as violências da cisnorma junto a amigos, amigas e amigues trans. Nosso objetivo é que vocês saiam dessa leitura mais sujos, enraivecidos e desesperançados, prontos para, coletivamente, moldarmos o futuro.

A partir das reflexões sobre raiva, sujeira e desesperança, vemos que esses sentimentos e estados, muitas vezes vistos como negativos ou indesejáveis, podem ser reconfigurados como ferramentas potentes de resistência, transformação e sobrevivência. Audre Lorde nos ensina

que a raiva pode ser organizada, canalizada e utilizada para questionar e combater sistemas opressores, oferecendo uma crítica constrói caminhos de luta e mobilização. Assim, a raiva das pessoas trans, negras e pobres não é apenas uma resposta à violência cotidiana, mas um grito legítimo por dignidade e justiça.

Ao sujar as normas, como propõe Sofia Favero com a sua “Psicologia Suja”, desafiamos as ideias de pureza e controle que tentam enquadrar nossas vidas em padrões rígidos e opressores. A sujeira, que marca corpos trans, travestis, negros e marginalizados, é também um lugar de força e reinvenção. Ao abraçar o que é visto como inferior, resistimos às violências coloniais e cisnormativas, utilizando o caos e a desordem como formas de escapar e criar novos mundos possíveis.

A desesperança, por sua vez, surge como um sentimento de que, apesar de sua carga aparentemente negativa, pode ser transformadora. No Brasil, para muitas pessoas trans e travestis, a realidade de violência, marginalização e expectativa de vida reduzida torna o desespero uma constante. No entanto, como apontado por Paulo Freire e Jota Mombaça, o desespero também pode ser uma fonte de ação. A pedagogia da desesperança nos convida a não apenas olhar para um futuro idealizado, mas a consciência da brutalidade do presente, utilizando o desespero como motor para buscar alternativas e resistir às estruturas de opressão.

Essas três dimensões – raiva, sujeira e desesperança – convergem como forças que, longe de nos paralisarem, podem ser usadas como ferramentas de luta, fuga e construção de novos horizontes. Como ensinamos a personagem Lauren Olamina, de Octavia Butler, não há uma única solução ou caminho para os problemas que enfrentamos. O futuro se constrói a partir de múltiplas respostas, múltiplas formas de resistir e existir, e cabe a nós escolhermos o caminho da resistência.

Portanto, ao sujar a compreensão do mundo e nos mover com raiva e desesperança, podemos criar novas possibilidades, onde nossas existências, até então subalternizadas e desumanizadas, se tornam protagonistas de uma nova narrativa. Esse movimento é necessário para que possamos existir com dignidade, não apenas na luta, mas também na sobrevivência cotidiana. Afinal, resistir é, acima de tudo, uma criação constante de mundos possíveis, onde corpos que são considerados sujos e raivosos podem finalmente viver, envelhecer e prosperar.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 11, p. 89-117, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.

BUENO, Julia, BENEDITO, Pietro.

“Bicha a senhora é destruidora mesmo”: um pouco de raiva, desesperança e sujeira pra contaminar as suas mentes

BENEVIDES, B. G. *Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023*. [s.l.] ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais, 2024. Disponível em: <<https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2024/01/dossieantra2024-web.pdf>>.

BUENO, J. *A encruzilhada também é ponto de partida: experiências e práticas políticas em redução de danos com/por pessoas trans*. Masters dissertation—Recife: UFPE, 2024.

BUTLER, O. *A parábola do semeador*. Editora Morro Branco, 2021a.

BUTLER, O. *A parábola dos talentos*. Editora Morro Branco, 2021b.

DAVIS, A. *Mulheres, raça e classe*. Boitempo, 2022.

FAVERO, S. *Psicologia Suja*. Salvador, BA: Editora Devires, 2022.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança*. Editora Paz e Terra, 2021.

JESUS, J. G. DE. “Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio”. *História Agora: A revista de história do tempo presente*, (In)Visibilidade Trans 2. v. 16, n. 2, p. 101–123, 2013.

KRENAK, A. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2022.

GONÇALVES Jr, S. W. Y. W. P., OLIVEIRA, M. R. G., & BENEVIDES, B. (2020). Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos Feministas*, 28(3). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n75614>

LEAL, Dodi Tavares Borges. Pajubá: Justiça Estética e Patrimônio Imaterial. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 1, n. 50, p. 1–23, 2024. DOI: 10.5965/1414573101502024e0104.

LORDE, A. “Os usos da raiva: as mulheres reagem ao racismo”. In: *Irmã Outsider*. Autêntica Editora, 2018.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. 1ª ed. Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MOMBAÇA, J. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, L. *Transfeminismo*. 1a edição ed. São Paulo: Jandaíra, 2021.

PEÇANHA, L. *Homem trans negro, Leonardo Peçanha diz: “Deixei de ser objeto para ser ameaça”*. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/homem-trans-negro-leonardo-pecanha-diz-deixei-de-ser-objeto-para-ser-ameaca/>>

PFEIL, C. L. *Relatório OBSERVATÓRIO ANDERSON HERZER: DAS VIOLÊNCIAS E SUICÍDIOS CONTRA AS TRANSMASCULINIDADES*. IBRAT, 2022. Disponível em: <<https://revistaestudostransviades.wordpress.com/relatorio-transmasculinidades/>>.

VERGUEIRO, V. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSÉDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270. ISBN: 978- 85-232-1866-9. <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0014>.

YORK, S. W.; OLIVEIRA, M. R. G. DE; BENEVIDES, B. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. *Revista Estudos Feministas*, v. 28, n. 3, 2020.

Submetido em 25/05/2024

Aceito em 13/10/2024